Os Lusíadas
Luís de Camões

Os lusíadas

Luís Vaz de Camões

Viajante, letrado, humanista, trovador à maneira tradicional, fidalgo esfomeado, numa mão a pena e noutra a espada, salvando a nado num naufrágio, manuscrita, a grande obra da sua vida, Camões assumiu e meditou a experiência de toda uma civilização cujas contradições viveu na sua carne e procurou superar pela criação artística.

(António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da literatura portuguesa***)**

OS
LVSIADAS
de Luis de Camões.
COM PRIVILEGIO REAL.
Impressos em Lisboa, com licença da Sancta Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor.
1572.

O peito ilustre lusitano

Ao publicar *Os lusíadas,* em 1572, Luís de Camões garantiu para sempre um lugar de honra na tradição cultural portuguesa. Dialogando intensamente com o seu tempo histórico, o poeta legou-nos uma visão abrangente de um momento especial – o período das grandes navegações – que não só demarca um acontecimento fundamental e ousado da própria humanidade, mas também, e sobretudo, demarca o apogeu histórico-cultural do império luso que, nas palavras do próprio poeta, "O Sol, logo em nascendo, vê primeiro".

Entranhado na alma lusa, o poema – de notório reconhecimento público – é, em termos literários, a expressão maior da nacionalidade portuguesa.

Em *Os lusíadas*, Camões procura não só justificar a empreitada portuguesa de alargamento da fé e do império, como também, de maneira patriótica, louvá-la. Para tanto, busca situar sua obra num plano superior em relação às outras grandes obras épicas da Antiguidade greco-latina, tanto que logo no início de seu poema ele afirma: "Cessem do sábio grego e do troiano / As navegações grandes que fizeram; (...) Que eu canto o peito ilustre lusitano(...)"

O Classicismo e a *mimesis*

De certo modo, e apesar de Camões ter composto uma importante obra lírica, *Os lusíadas* acabaram por se tornar o principal marco da poesia clássica em Portugal. Como se sabe, o Classicismo é o período literário que se inicia em 1527, quando o poeta Sá de Miranda, retornando da Itália, introduz na cultura lusitana as inovações da arte italiana – *Il dolce stilo nuovo;* e que se finda em 1580 com a morte do próprio Camões e com o início da União Ibérica, na qual Portugal, e conseqüentemente o Brasil, passou ao domínio da Espanha até 1640.

Esse novo estilo se caracteriza sobretudo pela influência da arte clássica, isto é, a arte greco-latina que é tomada como exemplo de perfeição estética. A imitação dos textos antigos, tidos como modelares, deve-se principalmente ao conceito aristotélico de *mimesis*, que na leitura dos autores renascentistas, consistiria na cópia dos processos estéticos usados pelos autores da Antiguidade na elaboração de suas obras que, por sua vez, "apresentavam, em cada gênero literário, a criação mais perfeita ou mais elevada".

Se a imitação dos clássicos antigos é a base de sustentação da nova arte, Camões, enquanto artista antenado com o seu tempo, também ocupou-se no resgate de um gênero que se adequasse perfeitamente ao seu projeto de louvação dos feitos heróicos do povo português, isto é, ele optou pelo resgate da poesia épica. Ao fazer essa escolha, o poeta luso não só procurava uma matriz para sua obra maior como também se inseria na galeria dos grandes autores universais.

A poesia épica é um tipo de texto em que se agrupam os mitos fundamentais ou fundantes de um povo, de uma nação. Os primeiros grandes poemas desse gênero da tradição ocidental, à qual pertencemos, são *A ilíada* e *A odisséia*, de Homero e *A eneida*, quatro séculos posterior, do poeta latino Virgílio. A poesia épica caracteriza-se, por um lado, pelo fato de obedecer uma estrutura específica, como veremos posteriormente, e, por outro, pelo fato de ter um caráter narrativo, isto é, relata uma ou várias histórias e gira em torno de um herói central que, por sua vez, é um símbolo ou o representante de todo um povo: n'*A odisséia*, Odisseu ou Ulisses é o representante do povo grego; n'*A eneida*, Enéias representa os troianos.

O modelo adotado por Camões foi *A eneida*, de Virgílio, que num primeiro momento se fixa na narrativa da viagem de Enéias até o Lácio, depois se ocupa das várias guerras pelas quais passou o herói para conseguir conquistá-lo e, finalmente, descreve a fundação do reino latino.

Os lusíadas

O fio condutor do poema é a viagem de Vasco da Gama às Índias com o objetivo de estabelecer ali um entreposto comercial para levar os produtos indianos à Europa (os navios portugueses iniciaram sua viagem em 8 de julho de 1497, chegando a Calicute, fim da viagem, a 24 de maio de 1498).

A certa altura da viagem, no entanto, narram-se os grandes feitos dos portugueses desde o nascimento da nação lusa até o momento do presente da narração, passando por diferentes episódios de sua história.

Mapa do início da expansão portuguesa

O formalismo literário

Os lusíadas estão divididos em dez grandes unidades chamadas cantos. Possuem 1.102 estrofes de oito versos cada uma (oitava rima), totalizando 8.816 versos. As estrofes estão organizadas em um esquema de rimas que se pode representar da seguinte maneira: *abababcc*, isto é, o primeiro verso rima com o terceiro e quinto versos, o segundo com o quarto e sexto versos e, finalmente, o sétimo com o oitavo. Quanto à métrica e ao ritmo, os versos são decassílabos heróicos (com cesura na segunda sílaba, ou terceira, ou quarta, sexta e décima).

A estrutura clássica do poema

Como poesia épica fiel ao modelo clássico, *Os lusíadas* podem ser divididos em três grandes partes:

1ª *Introdução* (18 primeiras estrofes). Esta primeira parte, por sua vez, pode ser subdividida em três:

- *Proposição* (estrofes de 1 a 3): nessas estrofes, o poeta propõe-se a cantar as "armas e os barões assinalados", isto é, os feitos guerreiros dos grandes homens portugueses;
- *Invocação* (estrofes 4 e 5): o poeta invoca as Tágides, musas do rio Tejo, a que o inspirem;
- *Oferecimento* ou *Dedicatória* (estrofes de 6 a 18): o poema é dedicado a D. Sebastião, sob cujo mecenato se deu sua publicação;

2ª *Narração* (Canto I, estrofe 19 ao Canto X, estrofe 144): partindo da viagem de Vasco da Gama às Índias, Camões narra a história do povo português.

3ª *Epílogo* (Canto X, estrofes de 145 a 156): concluindo o poema, Camões tece algumas críticas ao próprio povo luso.

Breve resumo de *Os lusíadas*

Antes de nos atermos à análise propriamente dos dois episódios selecionados pela Fuvest – o episódio de Inês de Castro e o da fala do velho do Restelo – vejamos rapidamente um breve resumo de *Os lusíadas*:

Quando a narração do poema se inicia (estrofe 19), no plano histórico, a frota navega em pleno oceano Índico, logo, está no meio da viagem. Simultaneamente, num outro plano, o mitológico, os deuses gregos reúnem-se em sua morada, o Olimpo, para decidir sobre a sorte dos navegantes. Júpiter ou Zeus, o supremo deus, posiciona-se ao lado dos lusos; Baco ou Dioniso, opõe-se-lhes. Com o apoio de Vênus e Marte, a assembléia desmancha-se favorável aos portugueses. Novamente no plano histórico, as naus chegam a Moçambique. Vasco da Gama vai a terra, sem suspeitar de que Baco lhe arma uma cilada. A astúcia do comandante, no entanto, triunfa do logro e a esquadra segue viagem. Chegam a Mombaça. Desta vez em razão da ajuda de Vênus, que sabia de outra cilada de Baco, não desembarcam. A deusa reclama a Júpiter maior proteção aos portugueses, sendo atendida.

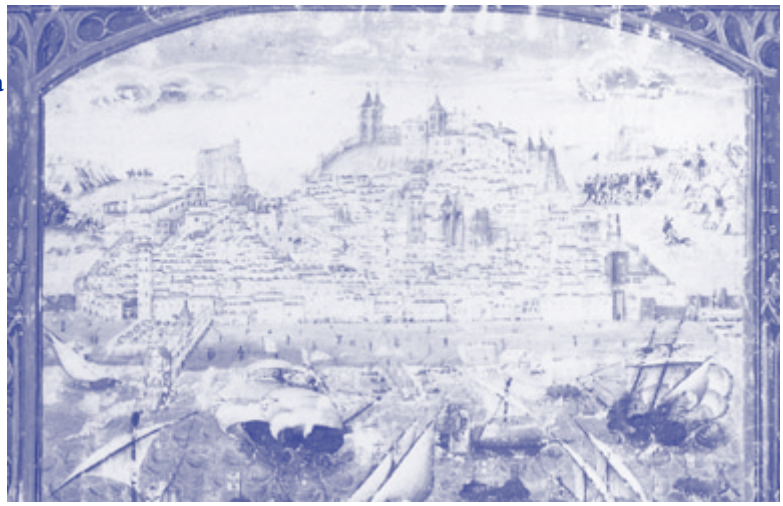
Chegam a Melinde, onde são recebidos pelo rei, que vem a bordo solicitar a Gama que lhe conte a história de Portugal. O comandante situa a Europa e inicia a história de seu povo desde Luso, fundador mítico da Lusitânia, passando por D. Henrique de Borgonha, a quem foi concedido o Condado Portucalense, início da história de Portugal, e segue com uma enfiada de episódios históricos: o de Egas Moniz, a batalha de Ourique, a batalha do Salado, o de Inês de Castro, a batalha de Aljubarrota, a tomada de Ceuta, o sonho profético de D. Manuel, os preparativos da viagem, a fala do Velho do Restelo e a partida. Relata, em seguida, a primeira parte da viagem, cujas passagens mais importantes são: o fogo de Santelmo, a tromba marinha, a aventura de Veloso, o encontro com o gigante Adamastor e a chegada a Melinde.

Partem, e a narrativa faz-se novamente simultânea à viagem. Baco tenta o auxílio dos deuses marinhos contra a frota. Éolo, deus dos ventos, sopra, no entanto, a favor dos navegantes. Sucede uma calmaria, durante a qual se relata a história dos "doze da Inglaterra", mito celta comum a portugueses e ingleses, ligado ao mito do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Estoura uma forte tempestade debelada por Vênus, que consegue a ajuda das ninfas amorosas para diminuir a ira dos ventos.

Chegam a Calicute. Gama desembarca, sendo recebido pelo Samorim. Nesse mesmo momento, Paulo da Gama, irmão de Vasco, recebe na nau capitânia o Ca-tual. Novamente Baco tenta uma cilada, que é desfeita.

De regresso à terra natal, os navegantes vão dar à Ilha dos Amores, onde são favorecidos pelas ninfas como recompensa de Vênus por seu heroísmo. Depois do banquete, a ninfa Tétis leva Vasco da Gama ao ponto mais alto da ilha e mostra-lhe a "máquina do mundo" e o futuro de glórias dos portugueses. Partem novamente. Chegam a Portugal.

Breve interpretação de *Os lusíadas*



Lisboa, capital de um vasto império e sua frota naval. Iluminura do século XVI

Os lusíadas, apesar de se basear no modelo da epopéia clássica (*A odisséia* e *A ilíada*, de Homero, e *A eneida*, de Virgílio), diferencia-se dele por ser um poema fortemente impregnado da ideologia do momento em que foi escrito.

A primeira grande diferença dessa obra camoniana em relação ao modelo clássico é o fato de que o herói, Vasco da Gama, não é, como os heróis gregos, um ser entre o divino e o humano. Ainda, embora o assunto central que ela aborda seja a viagem de Vasco da Gama às Índias, em razão do fato de se tratar de uma empresa muito próxima ao presente em que o poema é escrito, é preciso que o poeta o engrandeça com fatos alheios à viagem ela mesma. Desse modo, o caráter heróico individualizado, típico das obras clássicas, é substituído, no poema camoniano, por uma postura coletiva, isto é, a proeza lusitana acaba se tornando obra de todo o povo português.

Nesse sentido, Camões procura enfatizar fatos remotos da história portuguesa a fim de dar dimensão épica ao poema. Constroem-se, com essa função, episódios como o de Inês de Castro, o dos Doze de Inglaterra, o do gigante Adamastor, o da Ilha dos Amores, entre outros.

Daí resulta que o poema se desenvolve em dois planos, como já apontamos rapidamente: o *histórico* ou *realista* e o *mítico* ou *maravilhoso*. Neste último, é preciso notar que as referências à mitologia clássica se misturam a referências cristãs. Essa coexistência é típica do ambiente cultural do Renascimento.

Outra característica importante do poema é a sua dubiedade emocional. Seria de se esperar que, enquanto poema épico, predominasse nele um tom de euforia e entusiasmo, que é o tom com que se abre. No entanto, em episódios como o do velho do Restelo e em certa parte do Epílogo surgem, respectivamente, um lamento crítico pelo rumo tomado pela história portuguesa e uma melancolia depressiva diante da consciência do embrutecimento do povo português: o poeta declara que tem "a lira destemperada e a voz enrouquecida/ E não do canto, mas de ver que venho/Cantar a gente surda e endurecida".

Finalmente, a atitude crítica de Camões em relação à sorte de seu país e de sua gente, bem como sua índole tão intensamente lírica são responsáveis por interferências da subjetividade do poeta no decurso do poema, o que é bastante diverso do que ocorre na epopéia clássica, em que a subjetividade do autor cede espaço total à objetividade dos fatos relatados.

O episódio de Inês Castro

O episódio em torno da morte de Inês de Castro, amante do então infante D. Pedro, teve, nas palavras do historiador português José Hermano Saraiva, "uma repercussão emocional tão poderosa" que fez nascer uma lenda de amor que acabou por se entranhar profundamente no imaginário do povo português.

O amor infeliz de Inês de Castro e de D. Pedro I forneceu inspiração a muitos poetas e dramaturgos. Inês era dama de honra de D. Constança, princesa castelhana que se casou com o Infante D. Pedro, futuro rei de Portugal. O Príncipe apaixonou-se por ela, retirou-a da corte, pôs-lhe casa perto de Coimbra. Quando D. Constança morreu, Inês de Castro tinha três filhos de D. Pedro. O Rei D. Afonso IV, pai de D. Pedro, receando que um filho dessa união sucedesse o trono de Portugal, mandou assassinar D. Inês.

O amor de D. Pedro I e Inês de Castro acabou ganhando um contorno mítico sobretudo por causa da literatura, por meio da tragédia *A Castro*, do também artista clássico António Ferreira, e notadamente por meio de *Os lusíadas*, esse amor acabou caindo nas graças da própria cultura popular portuguesa.

Se, por um lado, a motivação política levou o rei, D. Afonso IV, a decretar a morte da amante do filho; por outro, Camões, ao poetizar esse episódio, desloca o problema histórico-político para um segundo plano, sobrevalorizando o amor em si dos dois amantes, isto é, a justificação do martírio de Inês está relacionada ao fato de ela ter simplesmente amado demais. Nesse sentido, observa o professor Carlos Felipe Moisés, "ao personificar o amor, qualificando-o de 'fero, áspero e tirano', o poeta pretende mostrar a insaciabilidade e o caráter irracional desse sentimento, que não levaria ao prazer e à felicidade, mas à infelicidade. A metáfora do sacrifício (...) sugere que os amantes devem ser punidos pela ousadia do amor extremado ('puro amor'), só justificável quando do homem para com Deus, e não entre humanos. A dramaticidade do episódio provém dessa idéia de que Inês foi assassinada por amar demais".

Vejamos então mais de perto o fim trágico daquela "*mísera e mesquinha*", que depois de morta virou rainha. O episódio de Inês de Castro localiza-se no Canto III, iniciando-se na estrofe 118 e terminando na estrofe 135. Para facilitar a leitura, dividimos o episódio de Inês de Castro em seis partes.

1 – Estrofe 118 – Apresentação ao leitor de "o caso triste" de Inês de Castro:

118
Passada esta tão próspera vitória,[1]
Tornado Afonso[2] à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e digno de memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha[3]
Que depois de ser morta foi Rainha.

1 Próspera vitória: referência à Batalha do Salado. Em 1340, um exército do rei do Marrocos iniciou uma invasão por terras cristãs. Essa batalha foi vencida pelos exércitos de Castela e de Portugal.
2 D. Afonso IV: rei de Portugal (1325/1357) filho de D. Dinis e D. Isabel de Aragão.
3 Mesquinha: inocente.

2 – Estrofes 119 a 122 – Personalização do Amor enquanto elemento sacrificial responsável direto pelo "crime" de Inês, e apresentação da própria Inês:

119
Tu, só tu, puro Amor[4], com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta[5] morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras[6] banhar em sangue humano.

120
Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo o doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego[7],
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121
Do teu Príncipe[8] ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

122
De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos[9] enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria.

4 Amor: cupido.
5 Molesta: lastimosa.
6 Aras: altares.
7 Mondego: rio português que nasce na Serra da Estrela, banha Coimbra e deságua no Atlântico, na Figueira da Foz.
8 D. Pedro: Filho de D. Afonso IV e amante de Inês de Castro.
9 Tálamos: leitos.

3 – Estrofes 123 e 124 – Por um lado, justifica-se a morte de Inês como a única forma de "matar o firme amor" e com isso diminuir sua influência sobre o Infante D. Pedro; e, por outro, mostra-se a hesitação do rei em levar a cabo tal morte.

123
Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina[10]
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro[11], fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

124
Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava.

4 – Estrofes 125 a 129 – Momento central do episódio em que Inês pede clemência para si e para seus filhos ao rei D. Afonso IV **(***o avô cruel***):**

125
Para o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

126
– "Se já nas brutas feras, cuja mente[12]
Natura[13] fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co'a mãe de Nino[14] já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram,[15]

127
Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito

10 Indina: indigna.
11 Mauro: como observa Epifânio da Silva Dias, Camões utiliza sempre *mauro* com função adjetiva, para designar o árabe. *Mouro* tem sempre função substantiva.
12 Mente: instinto.
13 Natura: natureza.
14 "Mãe de Nino", erro do poeta, já que Nino era marido de Semíramis com quem teve um filho Nínias. Segundo a lenda, Semíramis fora abandonada, ainda criança, numa floresta. Algumas pombas a criaram milagrosamente, roubando aos pastores da região o leite e depois o queijo necessários para alimentá-la. Por fim, a criança foi descoberta por pastores que a batizaram de Semíramis que, em língua síria, quer dizer "a que vem das pombas".
15 Os irmãos Rômulo e Remo, criados por uma loba, foram os fundadores de Roma.

O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.[16]

128
E se, vencendo a maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem para perdê-la não fez erro.[17]
Mas, se to assim merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria[18] **ou lá na Líbia ardente**[19]**,**
Onde em lágrimas viva eternamente.

129
Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co'o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério[20] **sejam da mãe triste."**

5 – Estrofes 130 a 134 – Narração da morte de Inês de Castro. Para realçar a crueldade do assassinato de Inês, Camões compara a morte dela à de Policena.

130
Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?

131
Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co'o ferro duro Pirro se aparelha;[21]
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrifício se oferece:

16 Já que não te move o fato de eu não ter culpa.
17 Não praticou crime.
18 Cítia fria: tida na época como região remota e bárbara, localizada ao norte do Mar Negro.
19 Líbia ardente: nome dado pelos gregos à parte da África que conheciam. De uma maneira geral, toda a África do Norte.
20 Refrigério: alívio, consolo.
21 Referência a um episódio de *A odisséia*, de Homero: Policena era filha de Príamo, rei de Tróia, que estava em guerra com os gregos. Aquiles, bravo guerreiro grego, apaixona-se por Policena a ponto de prometer a Príamo atraiçoar os gregos e aliar-se a ele caso consentisse dar-lhe a jovem em casamento. Quando se dirigiu, desarmado, ao templo de Apolo, Aquiles foi morto por Páris, irmão de Policena, cuja flecha, guiada por Apolo, acertou o único ponto vulnerável do corpo de Aquiles: seu calcanhar. Em vingança pela morte do pai, Pirro mata Policena na presença da mãe da moça, Hécuba, que enlouquece ao ver a filha morrer. Nessa passagem de *Os lusíadas*, Camões compara Inês de Castro a Policena.

132
Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,[22]
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

133
Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes
Quando os filhos por mão de Atreu comia! [23] **,**
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

134
Assim como a bonina[24] **que cortada**
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas[25] **maltratada**
Da menina que a trouxe na capela[26] **,**
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

6 – Estrofe 135 – Lamentação fúnebre das "filhas do Mondego" pela "morte escura" de Inês, e conseqüente eternização do amor pela transformação das lágrimas das ninfas na Fonte dos Amores.

135
As filhas do Mondego[27] **a morte escura**
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores.

22 Longa bibliografia discute o que sejam "as obras" e "as brancas flores" de que fala Camões. É provável que as armas com que Cupido matou de amores D. Pedro sejam a face, os olhos, o conjunto da beleza do rosto de Inês. As "brancas flores" serão talvez os seios, o "colo de alabastro" regados pelas suas lágrimas.
23 Segundo a lenda, Atreu, rei de Micenas, para vingar-se do adultério que sua mulher Érope cometera com seu irmão Tiestes, mandou matar os dois filhos deste. Depois, preparou uma refeição com a carne dos sobrinhos e deu ao irmão. O sol, para não iluminar a cena horrível, escondeu os seus raios.
24 Bonina: flor, margarida.
25 Mãos lascivas: travessas, irrequietas.
26 Capela: grinalda.
27 Filhas do Mondego: ninfas, deusas que presidiam as águas do rio Mondego.

Episódio do velho do Restelo[28]

O episódio da fala do velho do Restelo está inserido num momento especial dentro da estrutura de *Os lusíadas*, em que Vasco da Gama narra a partida da esquadra portuguesa em direção às Índias. Em tal circunstância, de profunda comoção, já que tais viagens eram norteadas por grandes incertezas e o risco de não voltar era real, Vasco, ao descrever os vários lamentos e saudades dos que ficavam, destaca que entre as diversas vozes que choram a saída dos portugueses está a voz do velho do Restelo. Nas palavras do crítico literário Hernani Cidade, essa voz é a que se apresenta "com sentido mais profundo e mais largo" e que haveria de ressoar por vários séculos.

Esse episódio sempre suscitou discórdia entre os estudiosos de Camões, pois como conceber um momento de censura e condenação à viagem de Vasco da Gama num poema que, todo ele, foi feito para louvar os grandes feitos dos portugueses emblematizados justamente nessa mesma viagem. Segundo Hernani Cidade, essa aparente contradição se resolve se pensarmos que, na realidade, a condenação é contra "a vaidade e a cobiça dos que governam" que para a execução de seus projetos de alargamento da fé e do império impõem ao povo luso uma grande dose de sacrifício: "A que novos desastres determinas/ De levar estes Reinos e esta gente?/ Que perigos, que mortes lhe destinas,/ Debaixo dalgum nome preminente?"

Apesar de alertar os perigos e sacrifícios que norteiam tal empreendimento e ainda o possível risco de Portugal se enfraquecer despovoando o "reino antigo", deve-se ressaltar também que, na última estrofe do episódio, o velho do Restelo termina sua fala colocando o problema da superação humana, isto é, a capacidade humana de sempre tentar superar as suas adversidades. Tal fato confere um tom universalizante ao poema, já que a superação humana, segundo o crítico português Silvério Augusto Benedito "é um dos valores que tornam universal no espaço e no tempo este poema épico que cantou um grande passo da Humanidade".

Vejamos então este momento pungente de *Os lusíadas*. O episódio da Fala do velho do Restelo localiza-se no Canto IV, estrofes 90 a 104. Mas, para melhor compreender e visualizar o contexto em que a fala do velho se manifesta, convém iniciar a leitura a partir da estrofe 87, em que se relata a cena da partida da esquadra de Vasco da Gama.

87
Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

88
A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co´a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

28 Restelo: praia do rio Tejo de onde partiam as expedições portuguesas.

89
Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c´um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

1 – Estrofes 90 a 93 – Essas quatro estrofes expressam sobretudo a sofrimento das mães e das esposas dos que partem. Tal é o clima de tristeza na despedida que Vasco da Gama resolve determinar que o embarque se faça "sem o despedimento costumado".[29]

90
Qual vai dizendo: "Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?"

91
Qual em cabelo: "Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?"

92
Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

93
Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,

29 A saída das naus portuguesas para as Índias foi assim descrita por João de Barros, um dos principais historiadores do classicismo português, e cuja obra com certeza o próprio Camões leu: "No qual acto [a partida das naus foi tanta lágrima de todos, que neste dia tomou aquela praia posse das muitas que nela se derramaram na partida das armadas, que cada ano vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir, de onde com razão lhe podemos chamar *praia de lágrimas* pera os que vão e terra de prazer aos que vêm."

Determinei de assim nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

2 – Estrofes 94 a 104 – Essas estrofes delimitam a Fala do Velho. Condenando a expansão como obra do desejo daqueles que querem "*Fama* e *Glória soberana*", o velho do Restelo afirma com todas as letras que a expansão, feita às custas do sacrifício de muitos, será a causa do enfraquecimento político, social e moral de Portugal.

94
Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:[30]

95
– "Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama[31] **!**
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96
Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio[32] **engana.**

97
A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

30 Do coração cheio de experiência.
31 Fama: deusa, filha do Tempo e da Terra, personificação alada do erro, da mentira, da verdade e da glória.
32 Néscio: que não sabe; ignorante, estúpido.

98
Mas, ó tu, geração daquele insano[33]
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Da idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

99
Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:[34]

100
Não tens junto contigo o Ismaelita[35],
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do arábio[36] a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101
Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe[37];
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia[38],
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

102
Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho![39]
Digno da eterna pena do Profundo,[40]
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum alto e profundo
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

33 Adão, por culpa de quem o homem perdeu o "reino soberano" (O paraíso) e a "simples inocência", a "idade de ouro".
34 Alusão a Cristo que, embora dando a vida, também receou perdê-la, a ponto de pedir a Deus: "Pai, se é possível, afasta de mim este cálice."
35 Ismaelita: descendente da união entre Abraão e a escrava Agar. Maomé considerou-se descendente de Ismael.
36 Arábio: Maomé.
37 Deitando a longe: perdendo.
38 Com larga cópia: com grande abundância.
39 Construiu um barco.
40 Profundo: Inferno.

103

Trouxe o filho de Jápeto[41] do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre[42] não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

104

Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai,[43] nem o ar vazio
O grande arquitector co'o filho,[44] dando,
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado[45] a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!"

41 Filho de Jápeto: Prometeu que, segundo a lenda, fez o homem de barro e animou-o com o fogo que roubou do Olimpo.
42 A "estátua ilustre" feita por Prometeu é o homem.
43 Fáeton: filho de Apolo (sol) e de Climene. Quis dirigir o carro do astro-rei e, apesar dos conselhos, guiou-o desastradamente, queimando e enegrecendo os habitantes das regiões mais próximas.
44 Dédalo e seu filho Ícaro. O primeiro "grande arquitector", construiu o labirinto de Creta e, não conseguindo sair dele, por terra, fez umas asas de cera, para se evadir, voando. O filho tentou subir tão alto com essas asas que o Sol as derreteu e ele despenhou-se no mar, que tomou o seu nome (Ícaro).
45 Sem que tente realizar.

Traços biográficos

Luís Vaz de Camões

Camões na Gruta de Macau. Desenho de Desenne (1785-1827)

Sabe-se pouco da vida de Luís de Camões. Sua grandeza como poeta, no entanto, e o pouco que se sabe de certo de sua vida deram motivo a que muitos biógrafos tentassem preencher as lacunas de sua biografia com acontecimentos mais ou menos espetaculares, de forma que as várias versões de sua trajetória existencial podem ser lidas como livros de ficção.

É bastante provável que tenha nascido em 1524 ou 1525, não se sabe ao certo se em Lisboa, Alenquer, Coimbra ou Santarém. Proveniente de família aristocrática, teria convivido com nobres e freqüentado a corte na juventude. Nessa convivência ilustre, teria iniciado sua formação intelectual. É possível ainda que nesse período tenha tido vida escolar. Conhece os clássicos antigos como Homero, Horácio, Virgílio e Ovídio e lê alguns dos grandes de sua época, como Petrarca, Boscán, Garcilaso, e outros. Por sua inteligência, cultura e talento, bem como por seus dotes físicos, provoca paixão em damas da Corte, entre as quais se contam a Infanta D. Maria, filha de D. Manuel e irmã de D. João III, e, a mais lembrada, D. Catarina de Ataíde, a quem se referiria em seus poemas como Natércia.

Esses amores proibidos o levam ao "desterro", ao afastamento da corte, até ao "exílio" voluntário em Ceuta (1549), como soldado. Em 1552, fere Gonçalo Borges, servidor do paço. Como punição por atentado contra a autoridade, é preso, sendo em seguida liberto sob a condição de engajar-se no serviço militar ultramarino. Em 1553, chega à Índia. Em 1556, dá baixa, e é nomeado "provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes", em Macau, na China, onde teria escrito boa parte d'*Os lusíadas*, e perdido sua companheira, Dinamene, em um naufrágio. Finalmente, chega a Goa em 1563. Quatro anos depois, em Moçambique, é preso novamente por causa de dívidas. Liberto, vive à beira da miséria, até que um amigo generoso o encontra e trata de cuidar de sua volta à pátria, aonde chega a 23 de abril de 1569. Em 1572, publica *Os lusíadas*. Consegue uma pensão anual de 15.000 réis, que demora a receber, permanecendo a maioria dos dias que lhe restam na miséria. Morre pobre, abandonado e desconhecido, a 10 de junho de 1580.

Obras do autor

A obra de Camões compreende peças de teatro como o *Auto de Filodemo* e *El-Rei Seleuco*, escritas ao estilo de Gil Vicente, e uma peça ao estilo clássico, *Anfitriões*. No entanto, comparado com sua própria poesia ou com a produção de outros dramaturgos de seu tempo, seu teatro é insignificante.

A parte realmente significativa de sua obra está representada por sua poesia. Como poeta é que atingiu a altura do gênio, contando entre os maiores de toda a literatura universal.

Sua produção poética está dividida em duas tendências fundamentais, obedecendo as linhas dominantes na época, o século XVI: de um lado, a maneira medieval, a "medida velha", as das redondilhas; de outro, a maneira clássica, a "medida nova", na qual desenvolve uma poesia lírica, expressa nos sonetos, odes, elegias, canções, églogas (ou éclogas), sextinas e oitavas, e uma poesia épica, n'*Os lusíadas* (1572).

4 Livro básico do pensamento cristão na Idade Média, onde S. Tomás conseguiu fundir aristotelismo e platonismo e ao mesmo tempo separar com rigidez filosofia e fé; seu esquema de raciocínio não permite desvios, daí a sensação de imobilidade, de rigidez.

5 Formas que já se cristalizaram e universalizaram para indicar certos fatos ou fenômenos, constituindo-se em fórmulas arquetípicas para referir determinada situação. É assim que as vejo entrar para a economia do

Bibliografia

Camões, Luís de. *Obra completa*. RJ, Nova Aguilar, 1988.

Camões, Luís de. *Os lusíadas*. Introdução por Silvério Augusto Benedito e notas de António Leitão. Lisboa, Ulisseia, 1988.

Cidade, Hernani. *Luís de Camões. Vol II. O épico*. Amadora. Livraria Bertrand, 4ª edição, 1975.

D´Onofrio, Salvatore. *Literatura ocidental (autores e obras fundamentais)*. SP, Ática, 1990.

Grimal, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. RJ, Bertrand Brasil, s.d.

Moisés, Massaud. *A literatura portuguesa*. SP, Cultrix, 27ª edição, 1992.

Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. SP, Cultrix, 5ª edição, 1988.

Saraiva, António José & Lopes, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto editora, 15ª edição,1989.

Saraiva, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Lisboa, Publicações Europa-América, 11ª edição, 1987.

Xavier, Raul. *Vocabulário de poesia*. RJ/Brasília, Imago/INL, 1978.

6 Boa parte da crítica sobre Machado quis ver aqui uma espécie de centro em torno do qual gira o pensamento do escritor, homem ansioso por ver, viver e degustar a vida até a exaustão, mas encontrando sempre ao fim o amargo gosto do nada. Deixa patente que tudo não passa de uma ilusão dos sentidos, onde se espelha a própria ilusão de viver. É o centro do

Exercícios

1. Assinale a alternativa *incorreta* sobre *Os lusíadas* de Camões:

a) Na obra existe a mistura de episódios históricos, líricos, naturalistas, simbolistas e mitológicos.
b) O poema possui 8.816 versos decassílabos heróicos e sáficos, 1.102 estrofes, oitava rima (abababcc) e 10 cantos.
c) Obra dividida em: Proposição, Invocação às Tágides, Dedicatória, Narração e Epílogo.
d) Herói coletivo – o povo português; herói individual – Vasco da Gama.
e) Obra pagã, sempre presentes os deuses mitológicos.

2. Sobre *Os lusíadas*, é *incorreto* afirmar que:

a) quando a ação do poema começa, as naus portuguesas estão navegando em pleno Oceano Índico, portanto no meio da viagem.
b) na Invocação, o poeta dirige-se às Tágides, musas do rio Tejo.
c) na Ilha dos Amores, após o banquete, Tétis conduz o capitão ao ponto mais alto da ilha, onde lhe desvenda a "máquina do mundo".
d) tem como núcleo narrativo a viagem de Vasco da Gama a fim de estabelecer contato marítimo com as Índias.
e) é composto de sonetos decassílabos, mantendo, em 1.102 estrofes, o mesmo esquema de rimas.

3. (Mack-SP) Assinale a alternativa em que aparecem, na ordem correta, as partes que compõem *Os lusíadas*.

a) Proposição - Invocação - Dedicatória - Narração - Epílogo.
b) Dedicatória - Proposição - Narração - Invocação - Epílogo.
c) Invocação - Proposição - Narração - Dedicatória - Epílogo.
d) Narração - Invocação - Proposição - Dedicatória - Epílogo.
e) Dedicatória - Invocação - Narração - Proposição - Epílogo.

4. (Mack-SP) Camões dedicou Os *lusíadas* a:

a) D. Sebastião.
b) Vasco da Gama.
c) D. João VI.
d) D. Pedro I.
e) n.d.a.

(Vunesp-SP) Instrução: a questão de número 5 toma por base uma passagem do Canto III de *Os lusíadas*, de Luís de Camões (1524?-1580), um fragmento do poema épico "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima (1893-1953), e a letra do fado moderno português "Formosa Inês", de Rosa Lobato de Faria, gravado pelo intérprete moçambicano Paulo Bragança.

Episódio de Inês de Castro

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu de mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

(Luís de Camões, *Os lusíadas)*

Musa Inês

Estavas linda Inês posta em repouso
Mas aparentemente bela Inês;
Pois de teus olhos lindos já não ouso
Fitar o torvelinho que não vês,
O suceder dos rostos cobiçoso
Passando sem descanso sob a tez,
Que eram tudo memórias fugidias,
Máscaras sotopostas que não vias.
Tu, só tu, puro amor e glória crua,
Não sabes o que à face traduzias.
Estavas, linda Inês, aos olhos nua,
Transparente no leito em que fazias.
Que a mente costumeira não conclua,
Nem conclua da sombra que fazias,
Pois, Inês em repouso é movimento,
Nada em Inês é inanimado e lento.

As fontes dulçurosas desta ilha
Promanam da rainha viva-morta;
O punhal que a feriu é doce tília
De que fez a atra brisa santa porta,
E em cujos ramos suave se enrodilha,
E segredos de amor ao céu transporta
Não há na vida amor que em vão termine,
Nem vão esquecimento que o destine.

(Jorge de Lima, "Invenção de Orfeu")

Formosa Inês

Antiga como a sina dos amantes,
A audácia de morder o infinito,
Acesa pelas noites delirantes,
Paixão que se fez lenda e se fez mito.

Depois foram razões que o Reino tece,
Foi o dia mais triste, o mais maldito,
A espada ao alto erguida e foi a prece,
Amor desfeito em sangue... e foi o grito.

D. Pedro, desvairado brada e clama,
Leva de terra em terra a sua amada,
Não tem morada certa, pois quem ama,
Saudade tem por única morada.

Da morta, fez rainha, porque é louco,
Porque é amante e rei e português,
E eu que te cantei e sou tão pouco,
Também te beijo a mão formosa Inês.

(Mário Pacheco / Rosa Lobato de Faria)

5. O infortúnio amoroso de D. Pedro e Inês de Castro, como já vimos, atravessa o tempo por obra de grandes escritores portugueses (além de brasileiros, espanhóis e franceses). Diversamente interpretado, se faz presente em todas as épocas e gêneros literários, às vezes tendo-se como fonte as antigas crônicas de Lopes de Ayala, Fernão Lopes e Rui de Pina, às vezes tendo como inspiração obras de outros clássicos portugueses. Camões deve ter-se inspirado nas trovas de Garcia de Resende (Cancio*neiro Geral,* 1516) para reanimar o tema nessa passagem de *Os lusíadas*. Com base nessa informação, releia atentamente os dois textos e, a seguir:

a) explique por que é possível concluir que o escritor brasileiro Jorge de Lima teve como fonte a abordagem do tema feita por Luís de Camões;

b) interprete o sentido figurado do signo *repouso* no primeiro verso de Jorge de Lima.

6. (Vunesp-SP)
"Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha"

A estância acima transcrita pertence a *Os lusíadas*, de Luís de Camões, e faz parte de um dos mais conhecidos "episódios" daquela obra. Indique-o nas alternativas abaixo assinaladas:

a) Episódio da Ilha dos Amores.
b) Episódio do gigante Adamastor.
c) Episódio de Inês de Castro.
d) Episódio dos doze da Inglaterra.
e) Episódio da Batalha de Aljubarrota.

7. Pode-se afirmar que o velho do Restelo é:

a) personagem central de *Os lusíadas*.
b) o mais fervoroso defensor da viagem de Gama.
c) símbolo dos que valorizam a cobiça e a ambição.
d) símbolo das forças contrárias às investidas marítimas lusas.
e) a figura que incentiva a ideologia expansionista.

Respostas

1. E

2. E

3. A

4. A

5.
a) Intertextualidade. O modernista Jorge de Lima dialoga claramente com o Episódio de Inês de Castro, de Luís de Camões.
b) Repouso: morte.

6. C

7. D